

Antonio Teixeira

"A clínica irônica da psicose"



Antonio Teixeira é graduado em Medicina pela UFMG, especialização em psiquiatria, mestrado em Filosofia pela UFMG, Diplôme d'Études Approfondies pelo Depto. de Psicanálise da Universidade de Paris VIII, doutorado em Psicanálise pela Universidade de Paris VIII e pós-doutorado pela USP. É professor associado da UFMG, experiência na área de Psicologia, Psiquiatria e Filosofia, atuando principalmente nos temas psicanálise lacaniana, psicanálise filosofia ciência, clínica psicanalítica, caps, construção do caso clínico e psicanálise. Editor da revista Estudos lacanianos, com ênfase na interseção psicanálise, filosofia e cultura e da revista eletrônica clinicaps.com.br, destinada à publicação de trabalhos em psicanálise e saúde mental. Membro da EBP-MG e da Associação Mundial de Psicanálise, professor convidado do Instituto Márcio Peter para aulas presenciais em São Paulo.

Conexão Lacaniana: Boa noite Dr. Teixeira, bem-vindo à videoconferência da Conexão Lacaniana. Boa noite a todos. Hoje o tema será "A clínica irônica da psicose". Estamos honrados com a sua presença, gostaria de agradecer em nome do Dr. Márcio e equipe Conexão Lacaniana, mais uma vez a sua generosa contribuição ao nosso curso.

No final de sua apresentação, abriremos para perguntas.

Então, mais uma vez, bem-vindo e lhe passo a palavra.

Antonio Teixeira: Boa noite a todos. Gostaria de agradecer ao meu querido amigo Márcio Peter de Souza Leite, ao suporte técnico da Conexão Lacaniana, agradecer ao Instituto Márcio Peter que me trouxe recentemente à cidade de São Paulo, que tanto frequentei na década de 80, numa época que eu ainda contava com 20 e poucos anos de idade. A lembrança dessa época, aliás, vem a propósito, porque foi um período marcado justamente pelo fascínio que sobre mim exercia a Lira Paulistana naquela época composta por Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção, assim como pelo inigualável circuito literário da poesia concreta constituída pelos irmãos Campos, além de Décio Pignatari, Leminski e tantos outros grandes nomes cuja lista seria impossível compor aqui.

Mas se eu digo que essa lembrança vem a propósito, no momento em que me coloco a falar aqui sobre a "Clínica irônica da psicose", é porque o que mais me

fascina na produção cultural paulistana originada naquele período, diz de certa maneira respeito ao procedimento de desconstrução irônica dos canais literários e musicais que essa geração nos legou. Então, acho que existe uma relação quase orgânica entre a minha ligação com São Paulo e esse interesse que de certa maneira me tomou a propósito da "Clínica irônica".

Para falar aqui da "Clínica irônica da psicose", eu vou tomar como princípio de argumentação o célebre texto *Clínica irônica* de Jacques-Alain Miller que hoje já se tornou um clássico da literatura psicanalítica, clássico do qual herdamos os princípios que se tornaram uma referência contemporânea dos atuais estudos sobre a psicose, tais como os termos de "foraclusão generalizada" e de "clínica universal do delírio". Trata-se de um texto que tem, no meu entender, o mais profundo interesse na medida em que nos convoca a um exame de base da teoria psicanalítica, exame de base que de certa maneira veio desestabilizar todos os esquemas de pensamentos aos quais normalmente se recorria para tentar a experiência clínica da psicose.

Eu cheguei a comentar, por ocasião de minha ida a São Paulo, que é muito comum que nos sirvamos de determinados esquemas de pensamento que se desestabilizam completamente pela simples inspeção de sua base. A referência clássica são os filmes de animação no qual o personagem despenca no precipício, no exato momento em que constata estar correndo sobre o ar, como se fosse um exemplo de que o exame da base colocasse justamente a perder sua função de apoio. Eu acho que seria talvez o caso lembrar, numa perspectiva menos anedótica, que se a consciência se constituía antes da psicanálise como um fundamento para pensar a totalidade dos fatos psíquicos, depois de Freud nem mesmo a Filosofia mais recalcitrante se arrisca a se apoiar tranquilamente sobre ela.

Ou seja, a gente pode dizer que a consideração ou que o exame psicanalítico da base dos processos psíquicos produziu a inevitável ruína dos seus antigos alicerces, o que hoje nos obriga a uma certa topografia do desastre produzido por Freud sobre os antigos esquemas de pensamento apoiados sobre a consciência. Todo valor que poderia ser dado ao exercício da introspecção tende a se relativizar sobre essa perspectiva. Já não nos cabe mais esperar muito, por exemplo, da prática da meditação se nos considerarmos que a consciência nada mais é se vista da lente freudiana, do que um operador contingente encarregado de realizar de maneira essencialmente precária o teste de realidade para o sujeito, tarefa na qual, aliás, ela fracassa com bastante frequência.

Então de maneira análoga nós poderíamos dizer que, do mesmo modo que o exame da base da consciência colocou a perder a base do pensamento que se apoiava sobre ela, se a estrutura da neurose fornecia a base, o esquema para se pensar o enquadramento da realidade e sua disfunção na psicose, nós podemos dizer que esse dispositivo se desestabiliza completamente com o exame do seu fundamento. O esquema R era como nós sabemos o esquema I, sendo a psicose no início do ensinamento de Lacan, concebida a partir da foraclusão do significante do Nome do Pai como se ela fosse uma perturbação estrutural desse efeito de enquadre produzido pelo discurso. Mas quando se faz a inspeção científica da base de linguagem do próprio discurso, nós terminamos por perceber que a própria realidade sucumbe ao que nós chamamos de efeito de uma foraclusão generalizada.

[Estou sabendo que o meu amigo Márcio entrou, eu fico muito feliz de saber que ele está aqui presente. Eu agradeço o cuidado e a atenção, eu estou muito honrado com a presença dele aqui].

Então eu estava dizendo justamente que nós nos servimos frequentemente de certos esquemas do pensamento que se desestabilizam com o exame da sua base e que se a estrutura da neurose era um esquema de pensamento para se pensar a psicose, a inspeção científica da sua base de linguagem vai terminar mostrando que a própria realidade sucumbe aos efeitos de uma forclusão generalizada, na medida em que a língua, enquanto sistema puramente diferencial, não se encontra vinculada a nenhum tipo de identidade do referente sobre a qual se encontra articulada a noção de realidade. Podemos inclusive afirmar que não é sequer necessário à estrutura da linguagem o encadeamento lógico de uma significação, como queria o primeiro Wittgenstein, já que tanto as frases verdadeiras quanto as falsas elas admitem a mesma estrutura de língua. Como se verifica no célebre exemplo da frase de Chomsky tem-se uma frase gramaticalmente correta e, no entanto, desprovida de significação no enunciado "verdes incolores dormem furiosamente".

Voltando à questão que se apresenta justamente com essa mudança de perspectiva, vemos que tal mudança incide menos sobre sua resposta do que sobre a própria pergunta sobre a condição da psicose. Não se trata mais de se perguntar sobre o que nos impede de ser normais, como seria justamente o caso da primeira versão lacaniana da teoria da psicose. O que está em questão quando a gente se dá conta do fato de que não existe relação da linguagem com a realidade, coloca-se na própria reformulação da pergunta. Nós deveríamos antes nos perguntar pelo que nos impede de ser loucos, pelo que nos impede de ser psicóticos, já que o significante como tal, nada significa, já que a própria consideração da linguagem nos obriga a supor conforme propõe Jacques-Alain Miller uma clínica universal do delírio.

No lugar em que se afirmava uma concepção deficitária da psicose herdada da psiquiatria, caberia antes conceber a própria estrutura da neurose, na sua inútil tentativa de vincular a linguagem ao real, como um déficit da psicose.

Ao invés de pensar a psicose como estrutura deficitária em relação à neurose, seria mais justo dizer que a tentativa justamente da neurose em fixar uma realidade seria o efeito deficitário da própria neurose. Assim como no poema "O esboço de uma serpente", Paul Valéry vai dizer que o universo se define como um defeito na pureza do não ser, na pureza do nada, talvez fosse o caso de pensar a realidade, se nos permitem parafrasear os versos de Paul Valéry, como um defeito na pureza da forclusão generalizada.

Eu não sei se a minha argumentação está clara, mas a ideia de base seria essa, de que não haveria em princípio uma ligação de base da linguagem com a realidade, e que nesses termos a própria realidade seria um defeito na pureza dessa forclusão generalizada que encontramos na psicose. Essa seria nossa dedução lógica, mas ela não se verifica na experiência clínica. A experiência clínica na verdade vem desmentir a todo tempo nossa dedução lógica, no sentido em que se nos fosse dado presenciar um psicótico sem déficit, um psicótico completamente imerso na forclusão generalizada, nos estaríamos diante de um sujeito para o qual não haveria o mínimo traço de conflito.

Estaríamos diante de um sujeito comparável ao personagem de Bartleby do conto homônimo de Melville, que respondia "I prefer not to..." a tudo que se lhe demandava. Ou senão ao personagem de Plume, descrito por Henry Michaux como uma pessoa tranquila e que após constatar apático o desaparecimento de sua casa e ver a própria mulher esquarterada por um trem, escuta indiferentemente o pronunciamento da sentença de sua execução pelo juiz.

Mas quando saímos da literatura e nos voltamos para experiência clínica, o que nós assistimos não é mais essa indiferença, o que assistimos são sucessivas crises que delimitam na experiência existencial do sujeito situações periódicas de conflitos localizadas. Então por que motivo a forclusão generalizada da linguagem, no momento em que incide sobre o sujeito na experiência clínica da psicose, se dá ao modo não de uma ruptura generalizada, mas ao modo de uma ruptura local, que vai justamente gerar situações localizadas de conflito? Por que o efeito clínico da forclusão é local se nós a tomamos a princípio como uma forclusão generalizada?

Ora, se recorrermos a Freud, verificamos que ele é muito sucinto em relação a essa colocação quando compara o conflito neurótico ao conflito psicótico, no seu artigo chamado "A perda da realidade na neurose e na psicose". Freud vai simplesmente dizer que existe conflito ou crise, porquanto existe oposição entre a exigência pulsional e a consideração da realidade pelo sujeito, de maneira que, se na neurose o conflito se dá pelo retorno da exigência pulsional ao qual o sujeito renunciou em favor da realidade, na psicose diz Freud "o conflito ocorre quando se impõe para o sujeito psicótico a parte da realidade recusada em benefício da pulsão", a parte recusada da realidade que se impõe como fonte de conflito para o sujeito psicótico que a recusa em benefício da satisfação pulsional.

Então se nós quisermos entender em que sentido a forclusão generalizada retorna na forma de um conflito local, seria o caso de examinar em que consiste essa consideração parcial da realidade pelo sujeito psicótico, para entender justamente o que nos leva a pensar essa parte da realidade, essa parte da consideração da realidade como submetida a uma forclusão local.

Se a forclusão generalizada se encontra no início, mas o que a experiência clínica nos revela é uma forclusão local, o que está em questão nessa forclusão local, nessa crise local, é o retorno de uma parte de realidade que é recusada pelo sujeito psicótico, essa parte que estaria submetida a uma forclusão local. Como conceber então o que vem a ser a consideração da realidade, essa consideração parcial da realidade pelo sujeito psicótico? Para pensar a noção de realidade no sujeito psicótico não nos resta outro recurso se não nos apoiar sobre os escombros de nossa antiga base lógica, a estrutura da neurose. Nós dizíamos que na neurose a realidade depende para que ela possa se constituir de uma conversão normativa.

Essa conversão normativa estabelecida pelo discurso, essa conversão normativa da qual falávamos por ocasião de nossa discussão do filme "A lavoura arcaica", está ligada ao fato de que todo discurso se coloca a partir de um semblante, na medida em que o discurso só permite vincular a linguagem à realidade por submetê-la ao registro do significante na posição de significante mestre. Existe sempre na constituição da realidade pelo discurso, a ideia de uma submissão normativa da linguagem por algo que não está dado na própria linguagem. É, aliás, por isso que Lacan vai denunciar a presença do mestre no horizonte do discurso ontológico, ele vai dizer justamente que a referência ao ser no discurso ontológico só pode ser entendida como efeito de uma prescrição.

Nesse sentido então nós podemos prosseguir supondo que o sujeito integrado na realidade é um sujeito *sub-judice*, mesmo se ele ignora. O sujeito integrado na realidade, ao se servir da linguagem numa relação com a realidade, deve se submeter ao gesto normativo suplementar que institui o laço entre o significante e a realidade que irá se representar.

E o que vocês podem ler, por exemplo, em Nietzsche, no aforismo 126 de "Aurora", aonde ele se pergunta pela maneira que a racionalidade surgiu no mundo, para em seguida responder: casualmente, de modo arbitrário, irracional. Se isso lhe parece um enigma a ser decifrado, é porque a própria racionalidade depende, para se constituir, de que se acrescente a estrutura lógica da linguagem o suplemento irracional de um significante qualquer na posição de significante mestre. Então nós podemos dizer que a consistência lógica da realidade se apoia sobre a base ilógica do assentimento, o que exige do sujeito à adesão a uma norma que não demonstra sua razão de ser. A constituição da realidade deriva de um princípio que só pode se exercer se não for questionado, ele deve ter inquestionavelmente razão, já que a própria realidade de um julgamento factual sobre a verdade depende desse princípio que não se pode questionar.

É nesse sentido que nós podemos dizer que psicose revela localmente os efeitos de forclusão generalizada da linguagem, na medida em que o psicótico contesta esse princípio de ordenação discursiva que não se explica. É nessa perspectiva que a ironia do psicótico vai incidir, segundo Jacques-Alain Miller, na raiz de toda relação social, na medida em que ela denuncia no interior da realidade social constituída pelo discurso, o avesso do derrisório, pois sem razão de ser, da ordem normativa que estrutura essa realidade.

Por isso nós dizemos que a perda da realidade pelo psicótico resulta da sua recusa em aceitar a coesão arbitrária imposta pelo significante mestre; ela deriva de uma forclusão referida não exatamente ao significante, já que em princípio o significante mestre pode ser um significante qualquer, mas sobre a função de comando que o discurso lhe atribui.

Mas se partirmos dessa ideia, o que pensar, então, seguindo a argumentação de Jacques-Alain Miller, a propósito do que ele afirma ao dizer que a própria clínica psicanalítica deveria de certa maneira se fundar sobre essa ironia que a psicose revela. Ou seja, sobre essa inexistência do Outro colocado como semblante que a ironia infernal da esquizofrenia revela e denuncia. O que significa propor, como o faz Jacques-Alain Miller, que a clínica da psicanálise, por ser uma clínica irônica, seja uma clínica fundada sobre essa inexistência do grande Outro que a psicose denuncia? O que significa para nós analistas assumir que a clínica da psicanálise é antes de tudo uma clínica irônica como condição para não deixar que a psicanálise se transforme numa reprodução pouco criativa da clínica psiquiátrica segundo propõe Jacques-Alain Miller?

Para tentar responder às perguntas, eu sugiro partir de uma perspectiva diferencial entre a clínica psicanalítica e a clínica psiquiátrica, tomando como base dessa diferença, ainda seguindo a argumentação de Jacques-Alain Miller, a ideia de uma vocação irônica referida à psicanálise, por oposição à vocação humorística da psiquiatria. A ideia seria justamente tomar como perspectiva diferencial a clínica irônica para a psicanálise por oposição à ideia de uma clínica humorística referida à psiquiatria, segundo o quadro que eu estou colocando diante de vocês aqui. Eu vou tentar explicitar o que seria para a psicanálise adotar uma vocação irônica a partir dessa distinção.

Porém duas questões de imediato se colocam para nós se quisermos tomar essa perspectiva diferencial: o que nos autoriza atribuir à clínica psiquiátrica, à qual iremos nos referir como uma clínica de imposição de sentido, a vocação humorística, por oposição a uma prática de desconstrução de sentido que seria uma clínica de desconstrução irônica atribuída dessa vez a psicanálise. Por que eu relaciono clínica humorística da imposição de sentido à psiquiatria e uma clínica de desconstrução de sentido de vocação irônica à psicanálise?

No intuito de melhor esclarecer essa diferença, eu acho que vale a pena se valer de uma outra distinção entre a psicanálise e a psiquiatria que vocês encontram na "16ª Lição introdutória à psicanálise" de Freud, aonde Freud compara respectivamente a psicanálise e a psiquiatria à histologia e à anatomia. É justamente partindo dessa outra comparação distintiva que eu convidaria vocês a pensar no que significa para a psicanálise adotar uma vocação irônica.

Falar então de uma vocação irônica para a psicanálise em contraposição a uma clínica humorística referida à psiquiatria nos conduz antes de tudo explicitar o que vamos entender aqui pelo termo de vocação, léxico que tem uma especificidade semântica essencial ao nosso raciocínio, pois a ideia de vocação não deve ser confundida com o que a gente chama de talento ou de tendência natural de alguém para alguma atividade. O termo de vocação concerne precisamente àquilo que Max Weber vai dizer a respeito de uma *vocatio*, de um apelo, de um chamado endereçado pelo grande Outro ao ser falante. Por ela se define o modo pelo qual o sujeito responde a um chamado, a um apelo do Outro que constitui o vetor que daria direção a sua práxis, no sentido em que o sujeito se vê convocado a agir em resposta a um apelo que lhe chega do Outro.

Para entender melhor o que seria próprio da vocação humorística da psiquiatria, hoje destinada a responder mais do que nunca aos apelos do grande Outro que é esse mercado mundial representado pela indústria farmacológica, no seu furor terapêutico de tudo medicalizar. Eu vou me permitir ler um curto poema de Carlos Drummond de Andrade intitulado "O receituário sórdido", aonde vocês verão que o poeta se vale do sentido imposto pelos efeitos de assonância frequentemente utilizados na publicidade dos medicamentos:

*Calma.
É preciso ter calma no Brasil
calmina
calmariam
calmogen
calmovita.*

*Que negócio é esse de ansiedade?
Não quero ver ninguém ansioso.
O cordão dos ansiosos enfrentemos:
ansipan!
Ansiotex!
ansiex ansiax ansiolax,
ansiopax, amigos!*

*Serenidade, amor, serenidade.
Dissolve-se a seresta no sereno?
Fecha os olhos: serenium,
serenex...*

*Dói muito o teu dodói de alma?
Em seda e sedativo te protejas.*

*Sedax, meu coração,
sedolin
sedotex
sedomepril.
Meu bem, relaxe por favor.
Relaxan
Relaxatil.
Batem, batem à porta? Relax-pan.*

*Estás tenso, meu velho?
Tenso de alta tensão, intensa, túrbida?
Atenção: tensoben
tensocren
tensocrin
tensik
tensoplisin.*

*Anda, cai no sono,
amigo, olha o sonix.
Como soa o sonil
sonipan sonotal
sonoasil
sonobel sonopax!*

*E fique aí tranqüilo tranqüilinho
bem tranquil
tranquilid
tranquilase
tranquilan
tranquilin
tranquix tranquiex
tranquimax
tranquisan
e mesmo tranxilene!*

*Estás píssico, talvez
de tanto desencucarem tua cuca?
Estás perplexo?
Não ouves o pipilar: psicoplex?
psicodin
psiquim
psicobiome
psicolatil?
Não sentes adejar: psicopax?*

*Então morre, amizade. Morre presto,
morre já, morre urgente,
antes que em drágea cápsula ampola flaconete
proves letalex
mortalin
obituaran
homicidil
thanatex thanatil
thanatipum!*

Não sei se pareceu a vocês interessante essa referência ao poema de Drummond, mas eu acho que ele tem para nós a característica de ser nitidamente humorístico por razões que eu gostaria de comentar aqui. Para percebê-lo basta comparar o primeiro e o último verso.

O "Receituário sórdido" é humorístico na medida em que ele expõe o que ocorre com o sujeito submetido ao clamor de calma e serenidade evocados pela indústria

farmacológica, devido ao estresse da vida contemporânea do qual essa indústria depende para sobreviver, para se manter. Pois eis que esse ideal de serenidade e calma se transforma na única condição de serenidade que o campo do Outro em nosso tempo autoriza. A morte, a paz do cemitério, o aniquilamento silencioso do sujeito.

É nesse sentido que nós podemos reconhecer a essência do humor em Freud que vai bem além de Bergson, ao situar ali o que ele chama de vertente cômica do super eu. No humor se pode dizer que se manifesta a vertente cômica do super eu na medida em que ele vem expor pateticamente a miséria do sujeito diante da imposição de sentido que ele sofre do discurso que o determina, desse discurso ao qual ele se encontra alienado. Tal é o caso da coroa de espinhos afixada sobre a cabeça daquele que se deixou determinar por um discurso que o designa como rei dos judeus, como a inscrição sobre a cruz indica. Não menos sórdido eu acho que seria a inscrição humorística extraída da filosofia do direito de Hegel, "die Arbeit macht frei", "o trabalho liberta" afixada à entrada dos campos de concentração nazistas, relativa por sua vez, ao tempo em que a capacidade de trabalho passou a determinar o valor social do ser falante. O mesmo se dá se nós quisermos ainda outro exemplo, nos casos do romance do Marques de Sade que não se priva de expor brutalmente aquilo a que se reduz o sujeito determinado pelo discurso republicano da liberdade, cuja verdade vai se revelar, no dizer de Lacan, na intolerável liberdade do direito sem restrição ao gozo.

Não sei se fica suficientemente claro para vocês, mas a ideia que nós percebemos aqui é que o humor frequentemente se manifesta como uma figura do *ludibrium*, do ludibriar, na medida em que ele faz do sofrimento do sujeito submetido ao discurso do grande Outro um meio coletivo de gozo sobre o qual suporta esse mesmo discurso. Eu acho que o fenômeno social do trote universitário seria uma figura contemporânea do *ludibrium*, tal qual como o suplício da crucificação o foi no caso da civilização antiga. Esse dado tem uma grande relevância, se a gente pensar que uma grande dificuldade que se teve em catequizar os chineses por volta do séc. XI era convencê-los de que um artigo cômico como a crucificação poderia ser objeto de fé, quer dizer, há ali uma figura clássica do *ludibrium* que nós encontramos nessa forma de manifestação humorística do super eu.

E já que nos estamos aqui falando de manifestação humorística da clínica psiquiátrica, ela fica evidente nas anedotas tão frequentes que circulam nos hospitais psiquiátricos, aonde elas fazem do sofrimento dos doentes mentais objeto de diversão coletiva. Eu penso a título de ilustração na conhecida anedota do psiquiatra que chama a atenção do seu paciente paranóico supostamente curado do seu delírio. "Eu estou de olho em você, você vai se ver comigo se eu souber que você voltou com suas histórias de perseguição". Não sei se vocês percebem, mas o que vemos aqui claramente é que se o humor psiquiátrico se diverte ao expor o sofrimento do sujeito, do louco, ele faz isso mostrando que esse sofrimento deriva ao mesmo tempo tanto da imposição de sentido que comanda a sua visada terapêutica quanto do núcleo semântico referido à própria convicção delirante que se quer tratar. O "estou de olho em você" da visada terapêutica coincide com o sentir-se vigiado do paranóico, a imposição de sentido mostra nessa vertente humorística o que seria a imposição de sentido no âmbito da clínica psiquiátrica.

Totalmente distinto dessa vertente humorística se revela por outro lado a prática da ironia que tentamos agora referir ao que seria a clínica da psicanálise. A ironia não consiste mais em expor a miséria da submissão do ser falante ao sentido do

discurso que o determina, segundo explicita Jacques-Alain Miller. A ironia é outra coisa. Etimologicamente falando, o termo ironia, que provém do grego *eironeia*, quer simplesmente dizer *interrogação* que é um léxico, que na filosofia antiga, estaria ligado ao método pelo qual Sócrates interrogante assumia uma ignorância doura para fazer aparecer a ignorância real dos seus interlocutores. Ao passo então que o humor se manifesta nos efeitos subjetivos gerados pela submissão do sujeito ao sentido prescrito por um discurso, a ironia contrariamente vem exhibir a falta de fundamento ou a falta de consistência do discurso do qual alguém se autoriza para impor ao outro um determinado sentido.

É bem conhecida talvez da parte de vocês a ironia socrática visível sobretudo nos assim chamados diálogos aporéticos, em que Sócrates interrogante colocava em questionamento os ideais que orientavam o modo de vida do sujeito na cidade grega. Era exatamente isso que ele fazia ao interrogar, por exemplo, o bravo general Laques sobre o que ele entende sob o termo de coragem do qual ele se acredita ser o possuidor ou então perguntando ao jovem Menon que quer se iniciar no aprendizado da virtude, o que significa essa virtude a qual ele quer se iniciar. Ele não impõe um sentido, ele justamente coloca uma interrogação a propósito do que esses personagens querem dizer com esses termos e o resultado disso igualmente conhecido de todos, que, aliás, custou a vida a Sócrates, foi mostrar que o mestre de opinião que se vale de um discurso para significar algo, não sabe do que ele está falando.

Ou seja, a ironia termina por denunciar a impostura que se oculta sobre toda imposição de sentido: Laques não sabe o que é a coragem do qual ela se acredita ser o mestre representante, Menon não sabe o que quer dizer o termo virtude ao qual ele quer se iniciar.

Então a ironia revela que o campo do Outro, do grande Outro, aonde os efeitos de significação se organizam, não tem nenhuma existência fora da crença que o sustenta. Ou seja, a ironia revela que não há discurso que não seja do semblante, que não há discurso que não se valha de uma crença que sustenta o termo que o organiza e que ele próprio não consegue explicitar, essa seria então a perspectiva da ironia.

E se eu me valho dela é porque me parece ser justamente através dessa abordagem interrogativa que revela no discurso do sujeito que ele não sabe do que ele está falando, ou seja, que desloca o sentido do referente em questão, que Freud se propõe distinguir a Psicanálise da Psiquiatria por ocasião daquela XVI conferência anteriormente citada no início da nossa conversa aqui.

Freud vai dizer que a psicanálise se distingue da psiquiatria assim como a anatomia se distingue da histologia, no sentido em que a psicanálise visa interrogar a estrutura interna dos elementos que são definidos de saída como dados na composição do diagnóstico psiquiátrico. No caso mencionado por Freud, a respeito de uma senhora de 53 anos de idade que sem nenhuma razão aparente se vê tomada de um ciúme incoercível pelo marido, o que essa análise lhe revela sobre esse elemento que a psiquiatria vai chamar de uma "falência sintomática do juízo de realidade", o que a análise lhe revela ao interrogar esse problema é a própria função de um sintoma cuja inteligibilidade depende de sua possível correlação a algo distinto do seu referente original. A saber, no caso em questão, justamente mencionado pelo Freud, que esta senhora sentia pelo genro uma irresistível paixão que ela não podia admitir, o que a levava a deslocar esse sentimento para o marido, que efetivamente não tinha nada a ver com o caso.

Eu acho que o importante nesse exemplo é que nós percebemos claramente que a interpretação que é capaz de dar uma inteligibilidade ao caso é aquela que demonstra ao interrogar o sentido do sintoma, que seu referente diz respeito a algo diverso do que nele se enuncia, que o ciúme pelo marido não é senão a paixão pelo gênero. Isso de certo modo deixa inscrever a estrutura dessa interpretação que dá inteligibilidade irônica ao caso mediante uma fórmula extraída de Roland Barthes, que admite uma certa função proporcional que eu gostaria de escrever para vocês aqui: x não é no fundo senão y .

O que dá inteligibilidade é uma fórmula que pode ser escrita nessa função proposicional " x não é no fundo senão y ". Se eu proponho ela aqui é porque ela nos permite aproximar a estrutura irônica da interpretação freudiana de algo que Roland Barthes destaca das máximas de um grande irônico do século XVII, o Duque de La Rochefoucauld.

Eu não sei se vocês já tiveram a ocasião de ler as máximas de La Rochefoucauld, para os que não leram, eu gostaria que esse meu comentário pudesse soar como um convite. Aos que já as saborearam eu proponho aqui um exercício de comparação. Esse livro tem a vantagem de poder ser aberto em qualquer página, posto que cada máxima ali possui uma estrutura de uma unidade autônoma, você não precisa ler ele do início ao fim, você pode abrir ao acaso qualquer página que você tem o acesso ao que uma máxima oferece ali.

E eu propus retirar uma ilustração, uma máxima retirada ao acaso, onde lê, por exemplo, na página 95, a seguinte máxima que anuncia: "A modéstia que parece recusar elogios, não é senão um desejo de receber elogios mais delicados". Ou seja, a modéstia que parece ser um desejo de recusar elogios, não é senão um desejo de ser elogiado duas vezes. A mesma estrutura se repete em outra máxima escolhida ao acaso, página 52, em que ele descreve: "O amor pela justiça na maior parte dos homens, não é senão o temor de sofrer a injustiça". Uma outra extraída da página 46, "A clemência dos príncipes não é senão uma política para conquistar a ascensão dos povos".

Não sei se vocês percebem, mas me parece que fica evidente que a despeito da variação do conteúdo a mesma função proporcional se aplica a todas elas, " x não é no fundo senão y ". Tal fórmula assume uma função nitidamente estruturante na composição das máximas, nas quais sempre se trata de uma relação eminentemente deceptiva entre seus dois termos. Isso responde ao projeto irônico de La Rochefoucauld, que visa denunciar a verdade das paixões mundanas disfarçadas em virtude pelo discurso corrente no exercício social de manutenção das aparências.

Eu gostaria então de considerar a partir do estudo de Roland Barthes sete características que são determinantes na construção das máximas que se aproximam formalmente da interpretação psicanalítica, revelando a sua estrutura subjacente. A quem possa interessar, o estudo de Roland Barthes se encontra no livro "O Grau Zero da Escritura", que é onde vocês encontram o comentário sobre La Rochefoucauld. Não sei se existe um link para esse acesso, mas de todo modo a referência está dada.

Então, são sete características que aproximam formalmente a interpretação analítica do que seria a máxima Rochefoucauldiana revelando a sua estrutura subjacente.

Em primeiro lugar, assim como a interpretação sobrevém a maneira de um corte que rompe a continuidade do discurso do analisante, a máxima se distingue da reflexão discursiva pela forma fragmentada que interrompe a sua fluidez do discurso, enviando assim ao sentido fechado das essências substantivas, a máxima não é um discurso; é um bloco que se fecha, que rompe justamente com a fluência discursiva.

Dois, do mesmo modo que a interpretação psicanalítica se distingue da explicação, se distingue do esclarecimento, pela concisão da qual depende a sua eficácia, existe também uma economia métrica da máxima, uma afinidade particular com a dimensão do verso e do oráculo que distingue a máxima da explicação discursiva.

Três, se por um lado a interpretação psicanalítica se instala essencialmente através de seu efeito de surpresa, a máxima igualmente deve se revestir de uma forma sutil e faiscante da qual depende o seu carácter surpreendente. Esse revestimento ao mesmo tempo brilhante e duro é aquilo que Roland Barthes irá chamar de porta ou de ferrão da máxima. No exemplo dado, se mostrar sem vaidade não é senão uma espécie de vaidade, no momento em que a máxima aparenta começar como um discurso comum, sua ponta sobrevém pelo efeito de ruptura que a fecha numa apoteose em que eclode a sua verdade inesperada, que diz justamente alguma coisa que nos surpreende.

Quatro. Tal como a interpretação psicanalítica se vale dos efeitos de equívoco gerados pelo significante, a máxima tente a realizar a equivalência através da antítese. Existe um arcaísmo verbal na máxima que pode ser comparado de certa maneira, ao *Gegensinn*, a significação antitética freudiana. Nos exemplos, "chora-se para evitar a vergonha de não chorar" como no outro "a recusa de um elogio não é senão o desejo de ser elogiado duas vezes", nós percebemos nitidamente que a ponta da máxima exhibe o seu termo ao lado de uma antítese de sua primeira parte, a antítese é uma identidade invertida.

Cinco. Do mesmo modo que uma interpretação não visa instaurar nenhum tipo de compromisso, a máxima tão pouco admite conciliação dialética. Frases de consolação do tipo "perdeste o amor, mas ganhastes a amizade" ou "nas quedas que o rio cria energia", não tem jamais o valor de uma máxima, que apresenta sempre algo de desesperado.

Seis. Assim como a interpretação analítica visa à queda dos ideais constitutivos do da identificação do sujeito, a máxima responde a um projeto de denúncia desmistificadora dos valores sociais. Nós temos sempre uma relação deceptiva visível na função proposicional x não é no fundo senão y e poderia dizer de outra forma, x no fundo não passa de um y , há sempre nessa relação deceptiva um procedimento redutor que define o mais pelo menos. O primeiro termo que se trata de decepcionar representado pelas virtudes, no caso a firmeza, coragem, sinceridade, é denunciado como semblante cuja verdade estaria dada no segundo termo representado pelas paixões, no caso o orgulho, a veleidade, a preguiça, a ambição, o temor e o amor próprio.

Sete. Vale finalmente salientar que a máxima comporta uma estrutura abissal, que de certa maneira a aproxima dos efeitos de desrealização da interpretação psicanalítica. A máxima faz você passar da coragem à ambição, da ambição à inveja, da inveja à preguiça, da preguiça ao amor próprio, e assim por diante, sem que haja fundo ou base última dessa descida. Ou seja, se x não é no fundo senão y , y por sua vez não é no fundo senão z e daí por diante. Isso quer dizer que no fundo

não há fundo, é nesse sentido que a máxima seria uma via infinita de decepção que acabaria por produzir uma desrealização progressiva dos semblantes, no final do qual não resta senão o nada captado por uma voz que fala sem nada significar, como ocorre nos quadros de esquizofrenia catatônica.

Se nós deixamos para o final essa analogia que fala da desrealização da máxima, é porque ela nos interessa especialmente no sentido em que ela nos instrui que a ironia enquanto desdobramento interrogativo da realidade pelo significante termina por produzir a dissolução progressiva da realidade que ela interroga. Essa dissolução se revela no desdobramento significativo do fato discursivo na medida em que, como se viu, o significante por si só não se presta a referir a nenhum fato que se queira significar.

A ideia que pensei em colocar aqui é justamente é essa, ou seja, é necessário que haja um desligamento, uma dissolução da realidade, ela está de certa maneira na base do que permite a interpretação psicanalítica que é o caso de deslocar o referente do sintoma para uma outra cena, passando do ciúme do marido para a paixão pelo genro. Mas é preciso tomar um certo cuidado antes de nos deixar conduzir por essa via, porque ela nos lança no risco de seguir a pista da interpretação infinita, similar à descida abissal das máximas, da qual nós falamos acima. Por exemplo, o ciúme do marido não é no fundo senão a paixão pelo genro, o qual, por sua vez, não mais seria no fundo do que o desejo incestuoso pelo filho, e daí por diante.

Assim como o sujeito esquizofrênico, de tanto desconfiar, de tanto colocar em questão toda articulação discursiva termina por se ver privado de todo recurso significativo, a psicanálise por sua vez, de tanto denunciar o estatuto de semblante das configurações discursivas que ela desmonta poderia acabar se apresentando ela própria como semblante discursivo a mais a ser desmontado.

Então, toda a questão é como se servir dessa via de desconstrução irônica sem cair numa espécie de descida abissal. Eu queria dizer que seja qual for o valor de ensinamento que a psicanálise extrai da clínica das psicoses, essa clínica que nos instrui a fazer vacilar ironicamente as representações impostas pelo discurso psiquiátrico, eu acho igualmente problemático propor, como parece sugerir Jacques-Alain Miller, uma clínica para a psicanálise cuja vocação estaria guiada pela ironia do esquizofrênico. Na realidade nós não podemos a rigor sequer falar de uma vocação irônica do sujeito esquizofrênico pela simples razão de que não existe vocação na esquizofrenia, na medida em que é próprio, para não dizer específico da esquizofrenia a recusa do apelo, do chamado proveniente do Outro, segundo o uso como vocês se lembram que nós fazemos aqui do termo de vocação.

O que é dizer então da vocação irônica da psicanálise se nós considerarmos que a ironia coloca em causa precisamente a legitimidade quando não a própria existência do Outro cujo apelo determina a sua vocação. O que falar da vocação da psicanálise, se a vocação irônica coloca em causa justamente o lugar de onde vem o chamado, de onde vem o apelo que orienta essa vocação?

Não sei se fica claro para vocês essa pergunta, mas acho que ela é fundamental porque o nosso problema é justamente saber como seria possível que seja endereçado ao psicanalista o apelo por parte do grande Outro pelo gesto irônico que coloca em causa a sua própria consistência; e de que maneira o analista vai responder a esse apelo constitutivo de sua vocação, sem cair para tanto na ironia infernal do esquizofrênico.

Acho que convém, antes de tudo lembrar, que esse apelo do Outro pela ironia que o coloca em causa não é nem de longe um fenômeno social exorbitante. Nós podemos constatar sem grandes dificuldades que há efetivamente um apelo do grande Outro pelo gesto irônico que o coloca em suspenso e que o alivia, de certo modo, de seu peso, da sua gravidade.

O exemplo clássico seria o personagem do sobrinho de Rameau que dá título ao ensaio de moral escrito pelo filósofo Diderot. Esse personagem, ali descrito como uma miscelânea de cinisco e fanfarronice vai representar, no século XVIII, o tipo irônico e grotesco que é, ao mesmo tempo, desprezado e querido pela sociedade. As pessoas de bem o mantêm ao mesmo tempo em que elas dele afastam, na medida em que ele lhes oferece pela via da desmontagem irônica dos semblantes, a possibilidade que elas dispõem de gozar razoavelmente da satisfação ilícita do descomedimento. Para gente usar a expressão de Foucault, ele é o louco que as pessoas razoáveis conservam, ele é o louco que as pessoas razoáveis conservam para não morrerem de tédio no limite de uma existência regrada pelas normas sociais, ele é um louco cuja insanidade o grande Outro razoável que a possui malgrado ele mesmo.

Tudo isso considerado, seria igualmente possível dizer, no que tange à psicanálise, que ela também se suporta, em sua vocação irônica de uma demanda que o Outro social lhe endereça e que a coloca numa posição similar àquela antes ocupada pelo sobrinho de Rameau. Assim como a sociedade do século XVIII recusava o sobrinho de Rameau ao mesmo tempo em que o conservava, nós temos motivos para dizer que a sociedade contemporânea simultaneamente rejeita e preserva um lugar para o psicanalista. Afora isso, se por um lado o sobrinho de Rameau oferecia às pessoas de bem a possibilidade de gozar pela via da pantomínia irônica de uma satisfação que não convém à sua posição social, o psicanalista por sua vez fornece ao sujeito contemporâneo a possibilidade de se haver pela via da desconstrução irônica do significante, ele fornece a possibilidade ao sujeito contemporâneo de se haver com o gozo que o divide por não convir à sua representação, a seu modo de pertencimento a uma classe social.

O problema dessa minha argumentação é que se alguém parasse de me ouvir aqui poderia dizer que estou dizendo que o psicanalista é o sobrinho de Rameau, o que não é nem de longe o caso. Importante enfatizar que o psicanalista, por mais irônico e jocoso e divertido que ele às vezes possa ser não é certamente um bufão, como é o caso do sobrinho de Rameau. O psicanalista não está a serviço de um transbordamento de gozo, liberado dos limites do semblante como por longo tempo fez crer certa vulgata psicanalítica. Se a ironia do psicanalista revela, como a gente viu, que no fundo não há fundo, que nada resta para além do semblante que possa ser tomado no nível de uma realidade, esse nada que o analista revela, esse nada que ele apresenta, ele deve se produzir como um alvo, por assim dizer, positivo.

Cabe ao analista a tarefa não de calar-se para nada dizer, como se ilustra caricaturalmente na anedota do analista completamente atarácico que recebe três pacientes após falecer. Não cabe ao analista se calar para nada dizer, cabe a ele antes dizer o nada, dizer o nada no nível do discurso do qual ele se autoriza.

Mas o que é esse nada do qual o analista é o suporte, como ele consegue o dizer? Ora o nada, indica-nos Roland Barthes, não pode ser tomado pelo discurso senão de viés, é impossível indicá-lo diretamente. Existe, vamos dizer, algo de oblíquo no discurso que tenta representar o nada, acho que é por isso que Bernard Baas nos propõe conceder o olhar do analista por comparação ao olhar de Sócrates, como

um olhar estrábico, oblíquo. É nesse sentido que se pode pensar, no nível de um discurso, a função do pretexto do qual nos servimos obliquamente, não para significar o que o enunciado de uma frase denota, mas para produzir o nada enquanto suporte de uma possível enunciação. Eu vou tentar deixar bastante claro esse ponto que no meu entender decide, de certa maneira, quanto à posição do analista e que pode ser colocado no nível de sua vocação, que diz respeito ao nada que não pode ser dito diretamente, que não pode ser representado diretamente, que só pode ser tomado no discurso de viés, é o que vai ser colocado no nível do discurso com a função do pretexto. O pretexto é o que? É o suporte oblíquo para dar lugar a uma possível enunciação, como é o caso retomado por Barthes a partir de Lotti, "das mil notações que não" tem por suporte nenhuma ideia, nenhum sentimento, nenhum fato, mas o sentido simplesmente muito amplo, do termo "o tempo que está fazendo", esses retoques, ou seja, essa pergunta pelo tempo, esse comentário de elevador de como vai o tempo. Esse vazio do sentido de como está o tempo, essa expressão "o tempo que está fazendo", essa expressão que, para o camponês, cuja colheita depende do tempo, poderia ser objeto de uma comunicação plena, ela se torna vazia de sentido na relação cidadina, mas nem por isso desprovida de importância.

Esse vazio de sentido da expressão "o tempo que está fazendo", por mais desprezado que seja, é o sentido mesmo que se busca produzir: fala-se do tempo não para nada dizer, mas para dizer o nada a partir do qual há lugar para se falar, há lugar para se engatar uma conversação. Nós diríamos, então, que no lugar de imposição do sentido, referido ao modo de funcionamento da clínica psiquiátrica, o analista deve antes interpelar o sujeito com um breve comentário de "como vai o tempo". No lugar de lhe enviar o sentido prescrito por um discurso determinado, cabe ao analista produzir apenas a frase pretexto vazia de sentido sobre a qual a palavra do seu paciente pode se engrenar.

Para tomarmos uma indicação de Heidegger, vale dizer que o que importa ao psicanalista é se oferecer ao sujeito ao modo de uma solicitude não substitutiva. Ou seja, uma solicitude, um cuidado, que não se coloca no lugar da preocupação daquele de quem ele se ocupa. Ao passo que a solicitude do psiquiatra se estabelece de modo prescritivo dizendo o que é dando ao paciente o sentido do que cabe fazer, eximindo o sujeito da sua preocupação para impor o sentido ao qual ele deve se subordinar, a solicitude do analista se distingue da solicitude prescritiva do psiquiatra na medida em que ele não se precipita em curar o paciente, substituindo, colocando-se no seu lugar.

Se a cura, como diz Lacan em "Televisão", pode ser tomada como uma demanda daquele que sofre de seus pensamentos, a solicitude do psicanalista se vale do fato de que essa demanda tem uma resposta a ser formulada pelo próprio psicanalisante, pelo próprio analisante, no lugar, portanto, de subtrair o analisante da sua preocupação oferecendo-lhe a solução como algo disponível do qual ele poderia se desincumbir. Cabe ao analista restituir a questão que seu sofrimento coloca de modo a torná-la legível até o ponto do invólucro formal do sintoma além do qual nada mais resta a dizer, até o vazio de sentido sobre o qual se constitui o semblante que, assim exposto, lhe permite se reposicionar, para construir novas configurações discursivas a partir de semblantes dos quais, no lugar de ser o servo, ele poderia agora se servir.

Eu vou finalizar a minha exposição aqui e passar aos comentários, às eventuais perguntas para que possamos discutir.

(Conexão Lacaniana): Agradeço ao Dr. Antonio Teixeira pela brilhante apresentação, vamos abrir agora às perguntas.

Pergunta (Belo Horizonte-MG): Gostaria de fazer uma comparação entre o discurso irônico do psicótico e o discurso irônico do toxicômano. Ao que concerne ao toxicômano, Diógenes seria o que melhor representa o gozo irônico. Isso, para a psicanálise, seria uma espécie de laço social. No caso da Psicose, a ironia seria também um laço social à mesma maneira do toxicômano?

Antonio Teixeira: A pergunta é interessante, mas eu acho que existe uma distinção muito clara entre o que seria o discurso cínico e o discurso irônico, a posição cínica e a posição irônica. Eu acho que a posição irônica ela de certa maneira trabalha a meu ver a desconstrução do Outro, ela trabalha a desconstrução desse semblante sobre o qual se constitui o Outro, mas é uma desconstrução que supõe o Outro como endereçamento, como é o caso de Sócrates, e que se distingue da versão cínica que é uma versão que toma por base uma demissão inicial do Outro.

Então quando a gente fala do curto-circuito toxicômano que é uma relação do sujeito com o gozo no qual a satisfação pulsional dispensa qualquer tipo de reconhecimento social, como é o caso de Diógenes se masturbando, fazendo da masturbação como um meio de se dispensar da parceria para obter gozo sexual, ou como é o caso do toxicômano que se vale do recurso da droga para uma satisfação em curto-circuito sem ter que fazer todo aquele contorno de uma satisfação socialmente reconhecida.

Eu acho que embora haja uma proximidade é necessário que a gente não perca de vista que há uma distinção, primeiro porque a gente vai muitas vezes dizer de um saldo cínico da psicanálise, ou seja, do momento em que o analisante ao termo desse processo de desconstrução do Outro se dá conta de que esse Outro na verdade é um artefato e que tem característica de um semblante discursivo, há vamos dizer assim, certa tendência de passar a um curto-circuito pulsional ou a uma espécie de relação à lei em que o sujeito não reconhece a legitimidade da lei, mas se vale dela para fazer valer seus interesses.

Eu penso que a resposta de Lacan nesse nível é bastante clara, é necessário que haja justamente a relação do psicanalista com a Escola, com esse Outro que ele sabe ser artificial, que é um Outro que será objeto de uma construção, mas do qual justamente ele não pode eticamente abrir mão, se de fato ele se coloca na visada ética do que significa proporcionar uma desmontagem do semblante como possibilidade inclusive terapêutico de um reposicionamento do sujeito para não cair o que seria a desmontagem de efeito cínico do semblante que faz com que o sujeito justamente passe a adquirir uma relação puramente pulsional sem nenhum reconhecimento ético dessa dimensão que estamos tratando aqui.

Pergunta(São Paulo-SP): 1. Pode-se dizer que o objeto *a* seja um objeto irônico?
2. Querer desconstruir o sentido dos discursos não é uma forma de querer dar um sentido às avessas a eles?

Antonio Teixeira: Eu acho que o objeto *a* pode ser tomado na forma de um objeto talvez humorístico e não irônico, no sentido de uma cena muito cruel que podemos

ver numa representação teatral e que o sujeito é obrigado a consumir até estourar aquilo que ele demandava.

Ou seja, é como se o objeto *a* como objeto pulsional fosse retomado ao sujeito na forma daquilo que dele é extraído do momento em que ele é submetido a uma imposição do discurso.

Quando Marquês de Sade nos convoca a um esforço a mais, frase célebre que Lacan vai usar em Kant com Sade, esse esforço a mais é o quê? Já que é o discurso republicano, é o discurso da autonomia e da liberdade, o esforço a mais é justamente esse.

Então tá, então façamos da república justamente o lugar do exercício da liberdade, que é o lugar do exercício do direito que tem todo mundo de dispor do corpo do outro como objeto de gozo. Isso chega a ser bastante interessante porque há uma cláusula da constituição que diz que nenhum homem poderá ser objeto de outro homem, nenhum homem poderá ser propriedade de outro homem, e Sade leva essa cláusula ao seu máximo rigor justamente dizendo que se não existe sujeito reflexivo, o sujeito não pode sequer ser propriedade de si próprio.

Então ele estaria justamente entregue ao gozo de quem quer que seja então o objeto *a* que aparece ali pode ser representado no fato de que Sade foi silenciado nos últimos anos de sua vida seja no hospício de Chareton, seja na prisão de Vincennes, ele seria justamente esse objeto intolerável de gozo, esse objeto intolerável que o discurso da liberdade reclusa como sendo essa liberdade intolerável do direito ao gozo.

Então eu teria mais tendência a situar essa relação do objeto *a* como objeto, vamos dizer, da extração, o que é extraído do sujeito pela via da sua determinação do discurso.

Pergunta (São Paulo-SP): A seu ver existe um diálogo possível entre a clínica irônica da psicanálise e a clínica humorística no tratamento da psicose?

Antonio Teixeira: Eu estou tentado a falar de uma contraposição, é claro que humor e ironia se assemelham enquanto fenômeno mas se distinguem por estrutura, eu falaria de uma oposição, que a vocação humorística estaria colocada no nível da imposição do sentido e que ela se manifesta justamente no que há de visível no sujeito que se deixa determinar por esse discurso, ao passo que a vocação irônica ela se coloca no nível da desconstrução, desconstrução do lugar do outro no lugar do qual se impõe esse sentido.

Todo problema é que a gente está habilitado de certa maneira a dizer de uma espécie de desqualificação deceptiva do semblante, dizer que isso nada mais é que um semblante é de certa maneira supor a ideia de um real autêntico a ser desvelado por trás de um semblante, e quando a gente fala da proposição que tentei trazer aqui do nada como função do pretexto, aquele exemplo do tempo que está fazendo, é justamente um recurso consciente do semblante, o discurso de quem está ciente de que aquilo é um semblante, mas que pelo fato de ser um semblante nem por isso deixa de ser operacional no nível da clínica da qual ele se autoriza. A frase célebre de Lacan que dá título ao seminário "Les non dupes errent" que é homófona a "os nomes do pai" em francês (*les noms du père*), ela é de certa maneira uma resposta que Lacan vai dar justamente no momento da crítica de Deleuze ao que seria uma espécie de mitologia de Freud que se colocou,

vamos dizer assim, a serviço de uma fantasmagoria paterna, Lacan lê, ele está atento a essa crítica, ele sabe de seus defeitos, que denuncia, vamos dizer, a referência paterna em Freud como uma impostura de um semblante que seria o caso de não se deixar levar por esse semblante, e Lacan responde dizendo: "não, quem não se deixa enganar, quem não se faz dupe, quem não se deixar passar por esse semblante, quem não se deixa "vestir" esse semblante erra.

Ou seja, o que interessa no nível da clínica da psicanálise é estar ciente do estatuto do semblante desde onde uma realidade se configura e não fazer dessa ciência do estatuto do semblante uma formulação deceptiva do tipo "x não é mais do que y", mas de ser capaz de tomar nesse semblante o efeito operacional de se fazer "dupe" do semblante para dele fazer uso, e exatamente ao dele fazer uso que dele nós não somos servos, para retomar e parafrasear a frase de Lacan onde ele vai dizer que do nome do pai só se pode passar na medida em que dele a gente consegue se servir.

Eu acho que existe essa diferença aqui onde há uma possível relação entre ironia e o humor eventualmente que sim, mas é mais fundamental porque a clínica humorística tem algo da imposição do discurso como aquilo que mostra a miséria do sujeito, mas ela não recupera vamos dizer o aspecto operacional do semblante que a psicanálise pode extrair de sua vocação de desconstrução irônica.

Obrigado, eu te agradeço pela sua pergunta.

(Conexão Lacaniana): Dr. Teixeira, eu não sei de sua disponibilidade, nós estamos aqui desde 18hs, e agora já passam de 20hs, se alguém tiver alguma pergunta, eu gostaria que colocassem, ou então já podemos iniciar o processo de encerramento da videoconferência, se o senhor concordar.

Antonio Teixeira: Eu estou disponível, se tiver alguém interessado em colocar mais alguma questão, eu estou à disposição. Só espero não ter sido muito longo, enfim, impedido o tempo de colocar de algumas questões.

Pergunta (São Paulo-SP): Aproveitando, eu só gostaria de complementar a minha pergunta anterior. Eu penso que, quando se trata de um encaminhamento, por exemplo, de um paciente para uma internação, normalmente o que se diz dentro das clínicas dos hospitais, o que interessa é o discurso, e eu fico imaginando por mais que se pode passar para o psiquiatra aquilo que é da ordem da clínica irônica, aquilo é da ordem desse discurso do semblante, dessa possibilidade de se ouvir, de maneira que ele possa de alguma forma, já encaminhar algo enfim, que diga respeito a esse sujeito, e não seja meramente sujeito do discurso humorístico, digamos assim. Eu fico imaginando nesse sentido, uma situação prática, quando se encaminha um paciente para internação, o que se usa geralmente para descrever o quadro apresentado para os termos da psiquiatria. São formas definidas da situação, crises, e eu fico imaginando o que um psicanalista poderia contribuir um pouco mais, com algo específico de sua clínica, da clínica da psicanálise.

Antonio Teixeira: Sim, eu concordo com sua questão, lembrar que o dado humorístico é um aspecto que a gente pode extrair da clínica da psiquiatria, não é que ela seja, se resume ao dado humorístico, um pouco daquilo pelo qual se convencionou chamar o paciente desprovido de recursos de jacaré, aquele que não tem um acesso social, ele é tomado no sentido quase animalesco como objeto de

experimentação. No site da Clinicaps (clinicaps.com.br) onde vocês encontram justamente o que seria a mudança do discurso psiquiátrico, do discurso hospitalar ao discurso psicanalítico e essa mudança pode ser verificada nos termos de que a experiência psiquiátrica da loucura é uma experiência controlada.

Vamos dizer que a experiência da psiquiatria é uma experiência controlada da loucura, não é por acaso que ela está associada ao saber médico no sentido do que vem a ser a experiência controlada. A experiência controlada, a gente a localiza no início do discurso da ciência quando Galileu, ao invés de simplesmente observar a queda de um corpo, passou a colocar aquele fenômeno no plano inclinado para ter algum controle do objeto de sua experiência, para ver o que ele poderia extrair ali de matematicamente formulado e para tanto era necessário para que ele suprimisse ao máximo as variantes não controladas do que aparecia ali.

Nós podemos dizer que o tratamento hospitalar da loucura é resultado de um esforço derivado do discurso da ciência de submeter à loucura a essa experiência controlada. Ou seja, você tira do paciente o acesso às drogas, o acesso a uma série de coisas que ele encontra no mundo exterior, às várias coisas que podem interferir naquela experiência, você controla visitas, você faz daquela experiência da loucura uma experiência que você pode de certa maneira medir mediante uma série de artifícios técnicos e quando você sai do regime hospitalar como é o caso da reforma psiquiátrica em que o louco é tirado do regime hospitalar ele é colocado no serviço aberto você encontra justamente a necessidade do terapeuta, do psiquiatra, do psicanalista de se haver com variáveis não controladas, você terá no serviço aberto o fato de que o paciente frequenta o serviço de uma igreja evangélica, que ele não tem como impedir que ele tenha contato com traficante, não tem como impedir que ele brigue com sua família. Enfim, uma série de variantes vão ser colocadas ali, e que faz com que no lugar da experiência controlada do sentido imposto pelo discurso psiquiátrico, você vai se haver com experiência não-controlada em que as variáveis não previstas vão aparecer e no lugar da técnica farmacológica ou da técnica terapêutica você vai ter justamente que colocar em pauta a inventividade, ou seja, o se haver com variáveis que se apresentam apenas de maneira imprevista.

Então você só pode fazer isso, se haver com variáveis imprevistas, se você desconstruir toda uma série de procedimentos protocoláveis do qual você dispunha antes disso, ou seja, a desconstrução irônica do sentido funciona de certa maneira nesses termos. Ou seja, saída do hospital, entrada no serviço aberto você vai, cada vez que você sai mais do laboratório que é o hospital mais variáveis não controladas aparecem.

Quando você adota as chamadas "visitas domiciliais" isso aparece com maior intensidade. Eu me lembro de um caso descrito por uma pessoa que eu dei supervisão, em que ela fez uma visita terapêutica na casa de um paciente esquizofrênico, completamente negativista num estado de absoluto mutismo em que não tinha contato com ninguém, ou seja, um paciente que manifesta a ironia máxima, infernal da esquizofrenia, a casa dele estava descuidada, e ela vai observar que a única coisa que estava com algum cuidado, com extremo cuidado, era a gaiola de um curió que esse paciente tinha, então ela vai encontrar um meio de engatar um discurso por meio desse pretexto, não que ela se interesse pelo referente do curió, o curió é o pretexto oblíquo do qual se engata uma enunciação, igual exemplo do tempo que está fazendo, ela vai pegar a única coisa que tinha alguma preservação ali como meio de iniciar uma conversa, então ela vai conseguir

iniciar um contato com esse paciente negativista em absoluto mutismo a partir de uma variável que nenhum tratado de psiquiatria poderia prever.

Então ela sai da experiência controlada que é o que a psiquiatria herda do discurso da ciência para entrar justamente nesse paradigma, que foge do discurso da ciência, que coloca no plano, vamos dizer, da observação, da dissolução dos protocolos, e da abertura para uma certa inventividade.

Não sei se minha resposta foi suficiente.

(São Paulo-SP): Foi sim, obrigada pela resposta.

Antonio Teixeira: Obrigado.

(Conexão Lacaniana): Nós é que agradecemos ao Antonio Teixeira, agradeço mais uma vez pela sua generosa participação. Nós passamos bastante do tempo previsto, agradeço em nome de todos pela sua generosidade. Agradeço uma vez mais em nome do Dr. Márcio e de todos nós da Conexão Lacaniana, dos alunos do curso on-line, pela sua conferência superimportante e atual, abrindo uma série de questões.

Antonio Teixeira: Agradeço a todos pelo cuidado e atenção. Devo dizer ao dr. Márcio Peter, estou muito emocionado de saber da presença dele aqui nessa conversa, que sou um leitor e fã dos ensinamentos que ele produziu ao longo desse tempo todo e que estou muito feliz com a presença de todos. Agradecer à moderação, ao suporte técnico, à Conexão Lacaniana e a todos os alunos.

(Conexão Lacaniana): Obrigada, vamos encerrando por aqui. Abraços e boa noite a todos!

[Muitos agradecimentos]



FICHA TÉCNICA

Instituto Marcio Peter/Conexão Lacaniana

Curso on-line **Psicose**

Vídeoconferência com Antonio Teixeira

Realizada em 30/maio/2010, 18h.

Moderação: Ana Maria Ferraz

Suporte técnico: Angelino Bozzini

Transcrição: Verônica Pinheiro e Noemia Takemoto

Formatação: Noemia Takemoto

Revisão Técnica: Maria de Fátima Galindo

Revisão final: Antonio Teixeira

São Paulo - 2010